



N.º 86 - LISBOA, 1 DE SETEMBRO

2.
ANO
1911

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois d - publicado 40 réis

Redação e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs.
Cobrança pelo correio..... 2100 rs.

Brazil, anno 52 numeros..... 25500 rs
Africa e India Portuguesa, anno 120000 rs.
Estrangeiro, anno, 52 numeros. . . 12500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accitam-se em qualquer data ; tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

83, Rua do Norte, 83

IMPRESSÃO

Lythographia Artística

Rua 10 Azeitada, 32 e 34

LISBOA SUBTERRANEA



O LUCIANO DAS RATAS

O homem que em Lisboa anda mais por baixo

A Civilisação e a Loja

Consta que um syndicato estrangeiro vae comprar o *Hotel Bragança*, não para o annexar a qualquer potencia estrangeira, como se poderia supôr á primeira vista, mas simplesmente para o tornar melhor e mais confortavel, e já um jornal accrescenta que se esse negocio se effectuar, o mesmo syndicato fará um grande e luxuoso hotel em Cintra.

Pergunta um jornal porque razão serão sempre os estrangeiros quem tomarão a seu cargo estes empreendimentos—e a razão é simples: o capital portuguez para estas coisas não vac.

O portuguez é logista—disse Oliveira Martins. Assim é. A iniciativa dos portuguezes não vae além da loja. Que significação damos nós por exemplo á palavra—*negocio*? Para nós, só é *negocio* o *negocio* que se faz a um balcão. Tudo o mais são aventuras. No ponto de vista mercantil, somos uma civilisação de merceiros.

Proponha-se um hotel ao capital nacional. Elle fugirá espavorido. O principio da utilidade, segundo o seu criterio, só existe na loja. A segurança do negocio só existe no balcão de casquinha e na armação, nas balanças aferidas, nas duas portas, no jogo de tapaes para pôr á noite, na caixearada á vista, no cofre á mão. Supprimam do negocio estes attributos familiares e todo elle será confusão, incerteza, desconfiança, panico. Por isso, em Portugal, quem quer fazer negocio—estabelece-se. Estabelecer-se é abrir loja. Ter negocios e não ter loja, é ser suspeito. Assim se tornou suspeito o sr. Burnay. Para o mecanismo da tradição e para os pudores da rotina, todo o homem de negocios que não tem uma loja e não assiste n'ella, com uma penna atraz da orelha, é, por via de regra, um aventureiro.

Como commerciantes, ou somos lojistas, ou juristas. Quando não vivemos da loja, vivemos da inscripção e somos então aquelle povo rico que vae todos os semestres, com um papel na mão, á Junta do Credito Publico, esperar a vez, cobrar o juro. Mas o juro é diminuto, e então o nosso capital ousa ter iniciativa e fazer negocios. Faz a agiotagem. A nossa maxima expressão commercial é a casa de penhores. D'este limitado circulo de interesses não saímos nunca e que nos chamem para outra parte—não vamos. Somos e ficamos sendo—lojistas. Ora, estas aptidões, por certo meritorias, são estreitas para o desenvolvimento da civilisação.

Se os bons hotéis, os bons casinos, os bons cafés, os bons theatros, os bons systems de viação não constituem o fundamento das civilisações, fazem no entanto uma boa parte do seu prestigio, porque, segundo o criterio sybarita do nosso seculo, os Estados mais civilisados não são ainda aquelles onde se pensa melhor, mas na realidade aquelles onde se passa mais confortadamente o tempo. Paris, com toda a sua gloriosa tradição, valeria muito pouco sem as suas commodidades. A Suissa é sem duvida um admiravel Estado, exemplo de organização civica. O que é que a recommenda? Os hotéis. O que é que tem prejudicado a Hespanha aos olhos da civilisação? O seu ferreo tradicionalismo? os seus costumes crueis? o fanatismo? a superstição? os frades? Nada d'isso. Apenas os seus comboyos. Se os comboyos hespanhoes andassem mais depressa, a Hespanha seria já uma grande nação. E nós?—o que é que realmente nos faz mal aos olhos dos estrangeiros que nos visitam? A nossa desordem financeira? a nossa pessima administração? o nosso fisco? Nada d'isso. Apenas as nossas camas duras.

Em regra, o commum dos viajantes não gaba as civilisações—gaba os hotéis. Se os hotéis são bons, a civilisação é excellente, e, assim como os hotéis, um grande numero de factos na apparencia frivolos servem para augmentar ou diminuir o seu prestigio. Assim tambem, nós, sem as iniciativas forasteiras, estariamos condemnados a não ter prestigio algum. Estariamos ainda em materia de hospedarías, no duro regimen dos *Irmãos Unidos*, e em materia de viação, na vigencia social dos calhambeques da *Lusitana*—e os estrangeiros fugiriam de Portugal como da peste.

Os estrangeiros não são, pois, intempestivos. São necessarios.

Conservemos a nossa autonomia tão bem amada. Ponhamos a municipal de sentinella á Junta do Credito Publico. Que os estrangeiros não entrem sob a forma de tyrannia, mas que entrem sob a forma de progresso.

O *Bragança* está velho?—Que o reformem. Reformem tudo: reformem a mobilia e reformem o sr. marquez de Franco, seu velho e pontual cliente.

Cintra precisa de um hotel?—Que o façam. O *Lawrence*, como o *Bragança*, está igualmente velho. Não é mesmo já um hotel. E' um caso romantico. Passou, como passou Walter Scott. Que outro venha substituí-lo, com menos poesia, mas com mais quartos de cama. Nós, os portuguezes temos pouca iniciativa, mas em compensação somos bons freguezes.

Lá iremos jantar. JOÃO RIMANSO.

LISROA CINEMATOGRAPHICA

Meio dia menos dez minutos. Largo da Estrella. Sol de escaldar. Um carro do elevador Estrella-Camões, espera, vazio, que chegue um Camões-Estrella para partir. Uma matrona respeitavel atravessa açodadamente o largo e entra para o carro que, sob o seu peso, fica um momento oscillando.

Meio dia menos cinco. Aponta ao longe o carro Camões Estrella, e um guarda-freio pachorrento encaminha-se para o carro Estrella-Camões, onde a matrona respeitavel espera.

Meio dia menos quatro. O carro põe-se em andamento. A matrona respeitavel procura nas profundidades da saia os 30 réis da passagem, mas o conductor, na plataforma de traz conclue um cigarro, não se move.

Meio dia menos tres. O carro chega á rua da Bella Vista e começa descendo a calçada da Estrella. Sem pressa, o conductor procura na mala de couro os massos de bilhetes.

Meio dia.

—Para onde deseja? diz finalmente o conductor para a matrona respeitavel, ahí pelas alturas do Juizo de Instrucção Criminal.

A matrona suspira:

—Camões.

O conductor corta Camões.

Meio dia e dois.

A matrona respeitavel recebe o bilhete e estende na palma da mão 30 réis.

O conductor franzindo o sobr'olho:

—São tres vintens.

Rubor e perturbação da matrona:

—Tres vintens? Ora essa! Então não é 30 réis até ao meio dia?

O conductor, com ar de quem não está para graças:

—Já deu meio dia.

A matrona respeitavel:

—Ora essa! Quando eu entrei no carro não tinha ainda dado!

O conductor:

—Mas deu depois.

Confusão e enleio. Cara cada vez menos para graças do conductor.

A matrona respeitavel decidindo-se:

—Pois eu tres vintens não tenho...

Faz favor de parar.

O carro pára. A matrona respeitavel desce.

Reflexão da matrona respeitavel descendo a pé a calçada da Estrella—fula:

—Não os dava, nem que os tivesse. Pouca vergonha!



Manobras

Durante as proximas manobras do Bussaco, o quartel general será no Grande Hotel da Matta

Ali se redigirão as ordens do dia—e os menus.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

Appareceu na imprensa allemã um artigo a nosso respeito. Soceguem! Não se trata das colonias. Trata-se simplesmente dos costumes.

Uma senhora allemã que aqui esteve e viu Cascaes na temporada dos banhos, consigna algumas das suas impressões n'estas palavras:

Por detraz de velhas muralhas da Edade Media, ostenta-se o mais refinado luxo da actualidade. Junto da estação semphorica, estende-se graciosamente um formoso terraço.

E' n'este terraço que El-Rei D. Carlos vae saborear o grande e primoroso *havano*, que vemos figurar em todas as caricaturas do monarcha, tanto nacionaes como estrangeiras. Negligentemente reclinado sobre um canhão, d'alli contempla El-Rei os barcos pescadores que sulcam o Oceano, e observa quem passeia na praia, sorrindo amavelmente para os seus conhecimentos!

El-Rei D. Carlos conhece todos em Cascaes, e quando alli reside, parecendo esquecer completamente as rigorosas exigencias da etiqueta, toma parte activa em todos os prazeres da vida das praias. Emfim, é um dos mais constantes frequentadores do *Sport Club*, onde apparece em trajo de caçador ou de jogador do *tennis*. Alli percorre os jornaes, como qualquer particular, e joga a sua partida de *tennis* com alguma dama. N'este jogo tem Sua Magestade realmente adquirido singular maestria, e consagra-lhe talvez mais horas do que aos negocios do Estado!

Ao ver o seu ar e maneiras despidas de solemnidade e pretensões, ninguém se lembraria de que tem deante de si um rei, a não ser o caso das damas lhe beijarem, curvando-se, a mão, que S. M. lhes estende! Este facto é tanto mais para notar que os homens não beijam a mão do rei!

Na praia, El-Rei não pretende distinguir-se, nem hesita em se apresentar, entre homens e senhoras, em costume de banho.

Tal modo de vida não parece ser-lhe physicamente favoravel, pois tem engordado consideravelmente, o que modificou o seu aspecto, outr'ora tão gentil.

Em Portugal não ha separação de banhos para homens e senhoras: ambos os sexos se mergulham, indistinctamente, nas ondas azuladas do Oceano, e os bons costumes nem por isso são offendidos.

Que podemos dizer?

Evidentemente, ha algumas inexacções, mas ha tambem alguns factos.

E' inexacto, por exemplo, que el-rei figure em todas as caricaturas nacionaes, em acção de saborear um grande e primoroso *havano*. Tanto S. M., como o seu charuto, são assumptos em que geralmente passamos como gato sobre brazas; mas, por outro lado, é absolutamente exacto que el-rei está mais gordo.

A viajante allemã viu precipitadamente, como todos os viajantes, e naturalmente generalizou. D'ahi o dizer que el-rei consagra mais tempo aos negocios do *tennis* do que aos negocios do Estado. E' que, tendo provavelmente visto el-rei jogar o *tennis*, ella ficou imaginando que S. M. não fazia outra coisa, e que ia por exemplo á assignatura real—em mangas de camisa e de *raquette*.

D'esse irresistivel sestro para ge-

neralizar lhe veio tambem o dizer que em Portugal não ha separação de banhos para homens e senhoras.

Ha tal. Quando tomamos o banho de tina, por exemplo, homens e mulheres pedimos sempre—dois separados.



Temos zanguinha?!

Pelos modos, este Papa,
Que a outros Papas pede meças,
As suas iras destapa;
E está contra a França guapa
De candeias ás avessas...

Ora, o Papa é infallivel
No que faz e no que fez;
D'esta crença estou ao nivel;
Porém é muito possivel
Enganar-se alguma vez.

Inda a França se ergue a prumo
Na sua fé inteirica,
Sem procurar outro rumo;
E dá soffrivel consumo
Aos santos livros de missa.

A França em si accumula;
A nata do povo crente
Que a *Lourdes* vae de matula;
E corre a comprar a bulha...
Que não se dá de presente.

A nobre França altaneira,
Depois de lhe irem ao pello,
Conserva a fé verdadeira;
Será no theatro bregeira,
Porém na igreja é modêlo,

Republica, em França está.
Não sei se isto é bom ou mau,
Mas toda a gente dirá
Que ella não fez, nem fará
Guerra a santinhos de pau.

Já digo: o tal senhor Papa
Que tão bella entrada fez
Quando abiscitou a capa,
Não foi esperto de chapa,
Descarrilou d'esta vez.

E, se de Roma o mandão
Reprovar o que hei escripto,
Irei d'aqui n'um balão
Para lhe pedir perdão,
Dando o dito por não dito,



As causas

Com este titulo,—*Tudo mais caro*,
lê-se no *Diário de Noticias*:

E' isto que se ouve todos os dias e em todas as boccas, tal é a carestia a que tem subido os generos de primeira necessidade.

Hontem constou no nosso mercado que o assucar, d'amanhã em diante, passa a custar mais 10 réis em cada kilo.

Com vista á Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

GUITARRA DA PARODIA

MOTE

Tudo é serrar, serrar
E não vejo serradura
Ou a serra não tem dentes
Ou a madeira é que é dura.

GLOSA

Carpinteiro lidador,
Ando sempre n'uma faina,
E quero metter a plaina
Nas coisas do nosso amor;
Mas no fado ha tal rigor
Que nunca chego a aplinar;
Estou farto de suar
Como um negro no sertão...
Não largo a serra da mão,
É tudo serrar, serrar!

O trabalho já me aterra,
Estou deveras caçado,
E já me tenho lembrado
De metter a lima á serra.
Sou bom serrador, e erra
Quem outro melhor procura
Mas não sei que diabrura
E esta de Satanaz...
Dou á serra *zás que trás*,
E não vejo serradura!

Santa virgem adorada
Não sei que diabo é isto...
Por mais que na lida insisto.
Não dou conta da empreitada!...
Com razão mais que sobrada
'Stou no rol dos descontentes...
E mando ás brizas correntes
Um repetido—ora bolas
Ou meus braços não têm molas,
Ou a serra não tem dentes!

Ou eu já perdi os brios
Que tive, entre c's rapazotes,
Quando serrava barrotos
Como mastros de navios;
Os negros fados bravios
Preparam minha tortura;
Ou, p'ra maior desventura,
N'estes trabalhos d'amor,
Ou já não sou serrador,
Ou a madeira é que é dura!



VENANCIO.

Guerra Junqueiro

na Figueira da Foz

Uma correspondencia da Figueira da Foz para as *Novidades*, diz o seguinte:

«Tem aqui estado e está ainda Guerra Junqueiro. Os seus primorosos poemas, á frente dos quaes «A morte de D. João», tem sido prejudicados pelo physico do seu auctor.

E' que toda a gente imaginava que esse Guerra Junqueiro devia ter de altura, acima de 1^m, 60, olhos grandes e expressivos, cabello loiro e bem tratado, penteado curto, bigode farto, bocca pequena e todos os mais signaes caracteristicos e particulares á altura e grandeza das suas produções litterarias, sem quereremos fallar das *toilettes* a corresponderem-lhe.»

Nós comprehendemos admiravelmente a surpresa da Figueira da Foz.

Sempre que a Figueira punha em sua mente o poeta da *Morte de D. João* via—o sr. conde de Castro Solla.

A NOVA BATALHA DO BUSSACO



BORRALHO PINHEIRO

O inimigo foi repellido com muitas perdas

Uma pergunta ás mulheres e resposta de uma mulher

As mulheres podem amar mais de uma vez? — tal a pergunta que uma revista ingleza dirigiu ás suas leitoras e que a esta hora dá a volta á imprensa dos dois mundos, sem excepção da nossa.

Alheios a estes interesses da alma, abstivemos-nos, já se vê, de formular a pergunta em questão ás nossas leitoras, com tanta mais razão quanto o nosso jornal se dirige especialmente aos homens, embora não seja o que vulgarmente se chama — uma publicação *para homens*. Mas, ou por falta de melhor tribuna, ou por especial sympathia para connosco, o que, a ser assim, nos obriga a vivos agradecimentos, uma leitora se nos dirige respondendo á pergunta da revista ingleza.

Ainda duvidamos se seria uma mulher a autora da resposta, que, de resto, publicamos em seguida. Por via de regra, os interesses femininos são sempre discutidos pelos homens. Mas que importa que seja uma mulher, ou um homem? As idéas não tem sexo e a carta a que damos publicidade expõe algumas a nosso ver de utilidade para o esclarecimento de uma questão que embora não tivesse sido levantada por nós, nem por isso é menos interessante.

Sr. Redactor :

Se a mulher pôde amar mais de uma vez?

Está claro que pôde!

Em primeiro lugar — o que é o amor?

Não ha palavra á volta da qual a razão humana tenha esvoaçado com mais insistencia e não ha comtudo palavra cuja significação permaneça mais confusa, incerta e mysteriosa.

Quanto a mim o amor, que, na sua origem e no seu fim humanos, é dos mais logicos e transparentes phenomenos da alma, está soterrado sob seculos de entulho litterario. Sem isso, era uma questão arrumada.

Alitteratou-se o amor. Ora — isto é sabido — questão de que a litteratura se apodera, é questão para peras. D'ahi, as nossas duvidas, que não são senão os desvarios e caprichos da imaginação litteraria. Sem a litteratura, o amor estaria hoje averiguado. Assim, é ainda um problema. Para muitos. Para mim, não.

Eu, sr. redactor, tendo feito algumas conquistas valiosas no sentido d'esta verdade, cheguei á conclusão seguinte: — ao contrario do que tem sustentado com tanta facundia alguns systemas philosophicos e numerosas litteraturas, o amor não é a alma; o amor é o corpo. Não ha metaphysica. A metaphysica é um equi-

voco. Não ha psychologia. A psychologia é outro. O amor, quando muito, é pathologico. Sofre-se do amor, como se soffre do estomago. Perguntar portanto á mulher ou ao homem se elles podem amar mais do que uma vez na vida não tem pés nem cabeça. A mulher, como o homem, amam enquanto tem energias vitaes para amar. Se o mesmo individuo, se muitos, que importa? Amam.

Quando deixam de amar? Um e outro deixam de amar, quando caem em decrepitude. Com a ruina do corpo vem a ruina da alma, se por ventura ainda é forçoso fazer á alma algumas concessões. Os senhores, por exemplo, quando deixam de poder amar, dizem-se desilludidos. Nós as mulheres dizemos o mesmo. Afinal, o que é? Incapacidade. Na realidade não estamos desilludidos — estamos reumathicos. Nenhum homem novo, nenhuma mulher nova se dizem desilludidos, a não ser para saborear com requinte uma nova illusão. Constantemente procuram amar.

Eu, se respondesse directamente á pergunta da revista ingleza, diria assim: — Sim senhor! As mulheres podem amar mais de uma vez. Podem e devem.

O que ha — gasta-se.

De v. etc

Constante leitora.



Palavras d'um eleitor que faz versos, mas não sabe lêr

Fui votar, mas (tomem nota)
Por conta do senhorio;
E cumpri com todo o brio
O dever de patriota:
Provei depois uma gota
Que me soube muito bem...
Mas se perguntar alguém:
— Em quem foi votar você?... —
Fico ás aranhas... porque
Não posso dizer em quem!



Terror—Panico

Um grupo de marinheiros da armada promoveu ha dias um ligeiro tumulto, não sabemos se na Mouraria, se em Alfama.

Interveio o conhecido agente de policia— O Terror, desembainhou e espadeirando os marujos, pol-os em fuga, depois de ter ferido alguns.

Ponha-se no entanto este Terror simplesmente em contacto com alguns marujos americanos e não se chama o Terror: chama-se — Panico.

Curiosa troca de palavras, por uma simples troca de individuos!

Cascaes político

A noticia verdadeiramente sensacional da ultima semana foi esta:

«Consta que um grupo de rapazes elegantes vae abrir em Cascaes um centro politico.»

Afinal, tudo se explica. — E' um tennis.



Dizem que dizem assim

Caro leitor, verás tu
Nos jornalecos que lês,
Que um general japonéz
Chama-se o senhor Oku—:
Os russos, que ao fado crú
Já devem muito desgosto,
Com amargurado rosto
E falando á puridade,
Confessam, valha a verdade,
Que aquelle nome é bem posto.



Ignorancia

Um individuo annuncia no *Diario de Noticias*, em os seguintes termos:

Lições de hespanhol pratico—Precisam-se.

Pois senhores! Já é conhecer mal Lisboa — e os costumes!



Os theatros de Lisboa e os governadores civis do futuro

Descobriu-se que os theatros de Lisboa são perigosissimos para a segurança do publico.

Ainda comprehendemos que, pelo que diz respeito a S. Carlos, assim seja. No tempo em que este theatro foi construido, tudo se fazia n'um ponto de vista inquisitorial. Mas quanto aos outros, como comprehendder que tendo sido construidos ainda ha pouco tempo, já sejam hoje considerados perigosos?

Mas nós comprehendemos tudo. Os modernos theatros foram construidos com os defeitos que põem em risco a segurança do publico, afim de que, mais tarde, os governadores civis os corrigissem. D'outra forma os governadores civis não teriam que fazer e as suas funcções seriam reconhecidas — nullas. Assim, não! Assim fazem alguma coisa, e estamos persuadidos de que alguma coisa deixarão por fazer, afim de que os seus successores tenham por sua vez em que occupar-se.

Faz annos amanha a cara prima
E quizera offertar-lhe linda prenda;
Tenho andado a escolher muita fazenda
Sem saber qual sera da sua estima.

Eu ja fui ao Grandella, fui ao Lima,
Fui ao Martins, que o chic tem a venda ...
E creio que so feita de encomenda
Darei a linda prima coisa prima!

N'isto apparece a avó, já desdentada,
E responde, com modo espertalhão,
Depois de ter tomado uma pitada:

—O' menina, não tenhas confusão...
Não precisas scismar... dize á creada
Que te acompanhe á loja Mergulhão.

Ourivesaria e relojoaria Mergulhão
162, R. de S. Paulo, 162-B

Ourivesaria e Relojoaria
com officina amexas
de fabrico e
de monteo



FLORINDO

JOIAS
COM
bilhantes
PREÇOS
Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

SALA MOZART

MONTEJONSEA

PIANOS
ORGÃOS



Instrumentos Musicos
RUA IVENS 52 54
LISBOA

CASA PORTUGUEZA
Papellaria e typographia

José Nunes dos Santos
Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephónico 220—Endereço telegraphico Papellypo

PAPELLARIA	TYPOGRAPHIA
Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.	Trabalhos typographicos em todos os generos, impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.

Papellaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gaveas, 69
LISBOA

Taboletas
Em todos os generos

Francisco Santos
R. Gremio Santo
Luzitano
41, 43



GOARMON & C.ª

Mossicos Hydraulicos e Ceramicos.
Azulejos em Fainça e Curfio.
Tijolos em Cimento.
Telha e Escama vidrada
Quadros e ornato para Chaleta.

21—T. do Corpo Santo—Lisboa
Catalogos sob requisição

RESTAURANT PARIS
JOSÉ FERNANDES

SERVEM-SE: Jantares de mesa redonda a 600 réis

— Serviço de lista a toda a hora
Pratos especiaes para celas
Gabinetes de 1.º ordem

65, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67
2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4—LISBOA

COMPANHIA DE PANIFICAÇÃO PORTUGUEZA
INAUGURAÇÃO

DO

Deposito de pão
R. DAS NECESSIDADES, 2 a 6
Foi inaugurado ao publico o
DEPOSITO DE PÃO

ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos DE MANUEL MARTINS

FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A
(ANTIGA Calçada do Caldas Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa



MARCAS PARA COTILLONS

Grande sortimento—Ultimas novidades—
Preços muito baratos—Afonso de Pinho & Coelho da Silva—Casa de Novidades—145, Rua do Ouro, 145.

que é fornecido pela importante fabrica de systema mechanico, que se impõe ao consumidor pela sua qualidade superior, asseio e hygiene.

No mesmo deposito encontra-se á venda um sortimento completo de productos de todas as especialidades da acreditada **Pastellaria Taboense** na rua de D Pedro V.

Ha tambem um variado sortimento de vinhos, liciores, cervejas a copo, gelados, etc.

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

AVISO AO PUBLICO

Desde 1 de setembro de 1904 será posta em vigor a nova tarifa especial interna n.º 9 de grande velocidade—Bilhetes collectivos para grupos de 12 ou m is passageiros de 3.ª classe, em todas as linhas d'esta Companhia com excepção do Ramal de Cascaes.

Nas estações d'esta companhia a póde o publico consultar e obter por compra a referid. tarifa

Lisboa, 19 de agosto de 1904.

Pelo director geral da Companhia, o engenheiro subdirector—Augusto Luciano de Carvalho.



Pega a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

PINTOR E RETRATISTA A CRAYON
ALFREDO TAVEIRA

com o curso completo de desenho da
ACADEMIA REAL DE BELLAS ARTES DE LISBOA

42, R. da Barroca, 44

PREÇOS MODICISSIMOS

Retratos a crayon em todos es tamanhos e diversos preços, garantindo-se a semelhança e o bom acabamento.

PINTURAS DE TABOLETAS
E TRABALHOS EM VIDRO

JOSE CLEMENTE

FATOS em Paletot de 4500 a 250000
FATOS em Frak de 12000 a 320000
FATOS em Sobrecasaca de 16000 a 350000
FATOS em Casaca de 20000 a 360000

na **Casa das thesouras**
51—Rua da Escola Polytechnica—55



COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

AVISO AO PUBLICO

SERVICO DOS ARMAZENS—Fornecimento de madeiras diversas.

No dia 26 de setembro, pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Roc.º), perante a commissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de madeiras diversas.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos armazens (edifício da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Lisboa, 16 de agosto de 1904.

Callista pedicuro
JERONIMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e
Essencia avamento de unhas pelos mais moderno processo ate hoje conhecido.

Ped-se ao publico que visite este consulto lo para ve certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 as 5 da tarde



BANHOS

DAS afamadadas aguas do Poço do Borratem, conhecida desde 1532 com grande exito nas molestias de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas de 10 banhos simples ou doches com 30 % de desonlo e de vapor com 40 %.

Abre este antigo estabelecimento ás 5 horas da manhã e fecha ás 6 da tarde.

4, Poço de Borratem, 1.º

AS VISTORIAS AOS THEATROS



No momento em que os theatros abrem as suas portas, o sr. governador civil julga opportuno mandal-as fechar.